

DOCÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA: FERRAMENTA DE AUTOPESQUISA

Conscientiological Teaching: Self-research Tool

Júlio César Royer

RESUMO. A prática docente conscienciológica implica em uma série de mudanças na vida do(a) professor(a). Por exemplo, é necessária uma rotina de estudos, as aulas implicam em um grau considerável de autoexposição, interação com os alunos e com a multidimensionalidade. Se bem aproveitados, esses novos fatores podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da autopesquisa da conscin docente. Este artigo descreve algumas contribuições do exercício da docência conscienciológica para a autopesquisa, com base na experiência do autor.

Palavras-chave: Docência conscienciológica; autopesquisa.

ABSTRACT. Conscientiological teaching practice implies a number of changes in the teacher's life. For instance, it requires a study routine; giving classes implies a considerable degree of self-exposure, interaction with students and multidimensionality. If used well, these new factors can significantly contribute to the development of the teacher conscin's self-research. This article describes some contributions from the praxis of conscientiological teaching to self-research, based on the author's experience.

Keywords: Conscientiological teaching; self-research.

INTRODUÇÃO

A docência conscienciológica é uma das atividades que mais implica em mudanças na vida da conscin que se torna professor(a). Uma condição necessária para a condução da docência em alto nível é a existência de autopesquisa, e não é difícil encontrar relatos de como a autopesquisa impulsionou ou qualificou a docência. Hoje existe à disposição das conscins interessadas uma grande variedade de instrumentos para auxiliar na autopesquisa, a exemplo de cursos voltados para essa finalidade em diversas instituições conscienciocêntricas, verbetes da enciclopédia da Conscienciologia (ICGE, 2020a), livros, artigos de periódicos da Conscienciologia (FRESIANS, 2015) e planilhas de autopesquisa disponíveis no site do ICGE (ICGE, 2020b).

Mas o foco deste artigo é mostrar como o exercício da docência conscienciológica pode auxiliar a autopesquisa, a partir do aproveitamento dos fatores por ela introduzidos ou intensificados na vida do(a) professor(a). Os fatores listados são o estudo, a autoexposição, o esforço em manter a autocoerência, a interação com os alunos, a observação dos alunos, o parapsiquismo, a interação com o amparo extrafísico de função da docência e as ocorrências diversas observadas no período pré-aula. Cada um destes fatores é detalhado nas próximas seções, com base na experiência do autor, tanto na condição de docente de Conscienciologia quanto na condição de parapedagogo atuante na formação de mais de cem novos professores.

Ao final de cada seção são propostas questões pertinentes para iniciar a autopesquisa a partir da vivência da docência conscienciológica.

1. ESTUDO

Ninguém consegue ensinar o que não compreende. Ao preparar uma aula o professor precisa estudar o assunto em profundidade suficiente para conseguir explicar com suas próprias palavras sem distorcer os conteúdos, fazer associações e responder perguntas sobre o assunto da aula. Seu entendimento precisa ser superior à média dos alunos, para poder contribuir.

Sendo a aula sobre Conscienciologia, inevitavelmente, ao estudar o assunto, tornará claros para si mesmo conceitos antes obscuros, preenchendo lacunas cognitivas e conhecendo detalhes antes ignorados, ampliando sua visão sobre a natureza da consciência e sobre si mesmo, o que já é uma contribuição para a autopesquisa (ROYER, 2015).

No entanto, o estudo para as aulas pode ser melhor aproveitado para a autopesquisa quando o professor reflete sobre o assunto (ALVES, 2012), se inclui no estudo, procurando correlacionar os conteúdos estudados com suas vivências pessoais, buscando aprofundar sua compreensão, aplicando as técnicas correspondentes e verificando por si os resultados (autoexperimentação).

Questão de autopesquisa. Quais assuntos abordados na aula ainda apresentam aspectos obscuros e merecem aprofundamento do estudo?

2. AUTOEXPOSIÇÃO

Ao vivenciar uma nova condição, um novo papel, toda consciência experimenta sensações novas, muitas vezes com certa insegurança, naturais da inexperiência. Isso por si só já é um excelente laboratório de autopesquisa, evidenciando reações também novas, ilustrando trafores, trafores e trafores, muitas vezes ignorados pela conscin.

No caso da docência, uma característica nova para muitos professores é a autoexposição. A docência exige do(a) professor(a) elevado nível de exposição diante dos seus alunos, seja qual for o assunto.

Quando a aula é sobre Conscienciologia, o nível de exposição é ainda mais ampliado, pois o assunto da aula diz respeito à natureza e intimidade das consciências. Essa exposição pode evidenciar, por exemplo:

i) segurança ou insegurança com relação ao conteúdo, transparecendo no tom de voz, na abertura ou não para perguntas de alunos;

ii) segurança ou insegurança com relação à forma de apresentar o conteúdo, manifesta pela escolha das palavras, esquemas ou imagens, próprias ou copiados;

iii) habilidade ou inabilidade na interação com os alunos, mantendo o ambiente leve, ou mais cansativo, sabendo ou não estimular, permitir e dosar a participação dos alunos com o conteúdo a ser trabalhado;

iv) posturas maduras e imaturas do docente, seja nas respostas às perguntas, seja na escolha de exemplos didáticos;

v) foco na defesa da autoimagem ou foco na demanda dos alunos, muitas vezes expressa pela decisão de seguir à risca seu planejamento de aula mesmo à custa de perguntas de alunos não respondidas, pela autopromoção no excesso de citação de exemplos pessoais, ou em uso

de termos elaborados, mostrando que sabe, em contraposição à priorização do entendimento e atendimento dos questionamentos dos alunos e da exposição dos assuntos essenciais.

É importante ressaltar que frequentemente há uma diferença significativa entre a autopercepção do(a) professor(a) e a percepção dos alunos. Os pontos de vista são diferentes e o foco de observação também. Não raro o professor, especialmente quando iniciante, dá muito mais valor às suas dificuldades e inseguranças, se comparado às percepções dos alunos, mais interessados no assunto. Por outro lado, certos aspectos da manifestação docente, a exemplo de cacoetes ou vícios de linguagem, podem passar despercebidos pelo(a) professor(a), ficando bastante evidentes aos alunos.

Para melhor aproveitamento da autoexposição docente para a autopesquisa, pode-se lançar mão de registros das autopercepções antes e depois da aula, feedbacks de colegas professores, ou, quando possível, gravar a própria aula e assistir em outro dia, observando os fatos do próprio comportamento que chamam a atenção (cacoetes, comportamentos deslocados, agressividade, momentos de resposta lúcida, ideias que não tinha pensado até então, possivelmente inspiradas por amparador, entre outros). Essas técnicas podem ajudar a corrigir as diferenças entre a autopercepção do momento da aula e o que provavelmente foi percebido pelos alunos.

Questões de autopesquisa. O que aprendi sobre mim com a autoexposição nesta aula? Descobri algum trafor a ser mais usado ou algum traifar a ser superado?

3. AUTOCOERÊNCIA

Quando o(a) professor(a) fala de algo que já aplica na sua vida, ou que já vivenciou na prática, isso não gera tensão, a fala sai com naturalidade, e isso se reflete nas energias transmitidas ao campo energético parapedagógico da sala de aula. Já quando está falando de algo que ainda não teve vivência, pode se apoiar no raciocínio lógico, nas informações da literatura e nas vivências de outras pessoas, e isso é comum em muitos assuntos mais avançados em Conscienciologia. Caso tenha tentado, mesmo sem conseguir, pode falar das suas dificuldades pessoais. Entretanto, caso não haja um mínimo de coerência entre as recomendações e a vivência do professor, quando se trata de técnicas e posturas plenamente factíveis, gera-se um certo desconforto, podendo chegar ao descrédito do professor, diante dos seus alunos.

Por outro lado, há pessoas que conseguem disfarçar bem essas incoerências perante seus alunos, mas não perante a plateia extrafísica de consciexes que frequentam suas aulas, e em seguida acompanham a rotina diuturna do docente durante algum período. E quanto mais lúcida a consciência (tanto conscin quanto consciex), mais facilmente perceberá a distância entre o discurso (verbo) e a prática (ação) do interlocutor. O ideal é o(a) docente diminuir essa distância. A coerência entre o verbo e a ação é expressa no neologismo verbação. Outro termo também associado a essa coerência é a teática, que faz referência à junção da *teoria* com a *prática*. Mesmo sem falar, se a pessoa sabe fazer melhor e não faz, pode melhorar o seu nível de teática.

Quando a consciência está coerente quanto à verbação e à teática, há uma sensação de bem-estar, de estar agindo de acordo com o que sabe ser melhor, e sem esforço para esconder nada.

O autesforço para alcançar a coerência com relação à teática e à verbação, no caso do(a) docente de Conscienciologia, aliado ao estudo e à autoexposição, passa pela autopesquisa e reciclagem intraconsciencial.

Questões de autopesquisa. Quais as minhas autoincoerências mais evidentes? Qual deve ser superada prioritariamente?

4. INTERAÇÃO COM OS ALUNOS

Outro aspecto que torna as aulas de Conscienciologia ricos laboratórios de autopesquisa é a interação com os alunos. A diversidade de alunos é grande, frequentemente surgindo alunos com ampla experiência em certos assuntos, variados pontos de vista e vivências diferentes, enriquecedoras, até superiores às do professor.

O diálogo com os alunos, mediado pelo assunto da aula, via de regra enriquece a autopesquisa de todos, inclusive do professor.

Para aproveitar essa riqueza de informações, pontos de vista e vivências, é necessária a postura de abertismo consciencial, com aplicação de autocrítica, considerando sempre a possibilidade de aprender algo novo com os alunos. A aula não é uma via de mão única. A aula não é só do professor. É um laboratório grupal de troca de informações e vivências, no qual o(a) docente tem um papel importante, e sempre pode aprender algo novo. Vale lembrar que os alunos também possuem parapsiquismo e muitas vezes manifestam, mesmo sem perceber, dúvidas da plateia extrafísica. Ganha mais o professor que prepara a aula pensando em predispor a melhor interação possível com seus alunos, está aberto a aprender com isso e faz seus registros pessoais sobre as novas ideias ou perspectivas obtidas a partir das contribuições dos alunos.

Questões de autopesquisa. Manifestei abertismo para as contribuições dos alunos à minha aula? Se sim, quais ideias/reflexões/exemplos aprendi com eles?

5. OBSERVAÇÃO DOS ALUNOS

As pessoas com quem interagimos funcionam ao modo de espelhos, fornecendo constantemente indícios para a autopesquisa, seja pelos diálogos diretos, indicando verbalmente pontos a serem trabalhados, pelas reações não verbais aos nossos atos, ou pelas afinidades pessoais conosco.

A docência conscienciológica traz ao(a) professor(a) a possibilidade de observar os alunos presentes nas próprias aulas. As reações, expressões faciais, expressões corporais dos alunos podem mostrar muito sobre o modo de atuação do professor na sala de aula. Se está sendo claro(a), didático(a), acolhedor(a), se está permitindo a interação, criando um ambiente no qual os alunos se sintam à vontade para interagir, ou se está sendo impositivo, cansativo, inseguro, etc.

Pode-se também avaliar os traços conscienciais identificados na turma. Com o passar das turmas, é possível observar os traços predominantes entre os seus alunos, quando comparados aos traços dos alunos de outros colegas professores. Em algum nível, esses traços que se repetem têm afinidade com os traços do professor, servindo de subsídios para autopesquisa conscienciométrica docente.

Esta análise conscienciométrica das turmas, em conjunto com a análise do tipo de questionamentos e dúvidas mais frequentes, também pode ser indicativo do público-alvo assistencial proexológico do(a) professor(a). A identificação de público-alvo facilita o foco no estudo, reciclagens e produção de gescons voltadas a esses perfis de consciências.

É frequente também a identificação de grupos históricos representados pelos alunos. Se o(a) professor(a) identificar frequentemente alunos com perfil, por exemplo, religioso, artístico, militar, etc, acima da média identificadas nas turmas de outros professores, pode evidenciar

atuação intensa do(a) professor(a) junto a esses grupos no passado, orientando possível auto-pesquisa seriexológica.

Questões de autopesquisa. Já consegui identificar os perfis predominantes dos alunos das minhas aulas? Quais indícios seriexológicos ou de público-alvo proexológico já consegui identificar?

6. PARAPSIQUISMO

O parapsiquismo existe e atua em todas as vivências da conscin, pois a natureza da consciência é extrafísica. Mesmo quando conscin, está se manifestando temporariamente na dimensão física, usando um soma através das energias conscienciais. O parapsiquismo permeia todo esse processo, mas frequentemente passa despercebido, dada a atenção que a vida humana demanda. Tal fato também é respaldado pela teoria das dificuldades recíprocas (VIEIRA, 1997, p. 64).

Mas no período de preparação e durante uma aula de Conscienciologia o foco está no parapsiquismo. Este foco atencional predispõe o desenvolvimento parapsíquico nesses momentos. Em geral, nesses momentos nos tornamos mais atentos às parapercepções e à sinalética energética-anímica-parapsíquica e mais disciplinados ao trabalho com as bioenergias, contribuindo para a autopesquisa parapsíquica.

Outro fator que contribui para o desenvolvimento do parapsiquismo em sala de aula é a intensificação do campo bioenergético decorrente da reunião de várias pessoas pensando e discutindo sobre parapsiquismo e bioenergias no mesmo local e horário, sob a supervisão de equipe extrafísica de amparadores especialistas.

A densificação das energias contribui para a diminuição das dificuldades recíprocas de interação entre conscins e consciexes. Em condições normais as conscins têm dificuldades de acessar as consciexes e as consciexes têm dificuldades de serem percebidas pelas conscins. Em um campo bioenergético otimizado de sala de aula, as dificuldades diminuem e tornam-se mais frequentes a sinalética energética e as inspirações extrafísicas. Isso já ocorre durante discussões teóricas, e mais intensamente durante os exercícios energéticos.

Quanto maior a atenção dada ao parapsiquismo e maior a repetição dos experimentos ao longo do tempo, maior a acuidade e autoconfiança quanto às próprias percepções. Outro fator importante e acelerador da autopesquisa parapsíquica é o esforço de registro, pois muitas percepções só passam a fazer sentido, ou lhes é atribuído um significado, após decorrido certo tempo, ou certo número de ocorrências, que sem registro provavelmente seriam esquecidas.

Questões de autopesquisa. Quantos sinais parapsíquicos já identifiquei com segurança? Algum sinal novo observado nesta aula?

7. AMPARO

A assunção da docência conscienciológica marca uma passagem da condição predominante de assistido (aluno) para a condição de assistente (professor) multidimensional. O professor passa a assumir a condição de minipeça do maximecanismo interassistencial multidimensional. Passa a ser representante intrafísico da equipex.

Tal qual as melhores equipes técnicas profissionais dedicadas a qualquer tarefa, há um esforço contínuo na qualificação de todos os componentes da equipe. Essa equipex investe no desenvolvimento do(a) professor(a), tanto no sentido de compreender melhor a ocorrência de determinado fenômeno que precisará explicar em uma aula futura, quanto da compreensão de

aspectos da sua personalidade a serem burilados de modo que ele consiga assistir melhor.

Esse investimento extrafísico, associado ao estudo e autoesforço do(a) professor(a), predispõe inspirações extrafísicas, projeções assistidas, projeções didáticas, desenvolvimento de sinaléticas e vivências de fenômenos diversos, enriquecendo a autopesquisa do professor.

Vale lembrar a máxima sobre a melhor forma de se aproximar do amparo extrafísico ser o esforço de ir ao encontro do assistido, ou seja, praticando a assistência (AMADORI, 2014). Associado a isso, pode-se acrescentar a prioridade assistencial tarística dos intermissivistas e o caráter eminentemente tarístico da docência conscienciológica, o que evidencia o valor proexológico da docência para os intermissivistas.

Questões de autopesquisa. Tenho dado valor às inspirações recebidas antes e durante as aulas? Que proveito tenho obtido com essas inspirações?

8. PRÉ-AULA

Toda aula de Conscienciológica é uma assistência multidimensional. O período que antecede a aula, chamado de pré-aula (KLEIN, 2010) envolve o movimento multidimensional de preparação para o momento da aula. Esse movimento repercute nas energias e nas consciências extrafísicas ligadas ao professor, aos alunos, ao assunto da aula e ao local da aula.

Esse período pode ser extremamente rico para a autopesquisa do professor. Klein (2010) lista 48 aspectos observados no período pré-aula, dentre os quais os mais frequentes observados por este autor, em ordem alfabética são:

1. Amparo pré-aula: as percepções energéticas agradáveis; as percepções de presenças extrafísicas agradáveis; a ampliação da lucidez e a compreensão de assuntos complexos, notadamente nos momentos dedicados à preparação da aula; os banhos energéticos confirmadores de uma compreensão / decisão importante para a aula;

2. Assédio pré-aula: as percepções energéticas desagradáveis; as interferências de conscins familiares irritadas justamente nos momentos de preparação da aula;

3. Contrafluxo pré-aula: as ocorrências inesperadas dificultando o esforço para a preparação para a aula; as demandas extras de trabalho; os pequenos acidentes; as indisposições somáticas; as visitas inesperadas;

4. Pressão pré-aula: a dispersão nos momentos de preparar a aula; as procrastinações; o desconforto ao sentar-se para estudar; a desmotivação para a aula; a sonolência no momento do estudo;

5. Projeções pré-aula: as projeções espontâneas; as projeções assistidas; as projeções didáticas; as projeções voluntárias a partir da aplicação de técnicas projetivas; as projeções por saturação mental;

6. Sincronicidades pré-aula: a pessoa que espontaneamente traz um relato de vivência associado ao assunto da aula; o livro, artigo ou cosmograma exemplificando tema da aula inexplicavelmente trazido à atenção do(a) professor(a).

Essa intensificação da movimentação extrafísica no período que antecede a aula pode ser bem aproveitada para a autopesquisa pelo professor, por exemplo, na identificação de sinalética parapsíquica de amparo e assédio, além da ampliação da lucidez quanto aos traços pessoais a serem trabalhados e quanto à relação pessoal com as temáticas abordadas na aula.

Questões de autopesquisa. Identifiquei algum sinal parapsíquico novo na pré-aula? Soube aproveitar as inspirações recebidas? Tive lucidez para identificar e superar a pressão pré-aula?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a docência conscienciológica e a autopesquisa costuma ser mais explorada no sentido de a autopesquisa ser necessária e dinamizar a qualificação da docência conscienciológica. O que este artigo enfatiza é o sentido inverso dessa relação, ou seja, o quanto o exercício da docência conscienciológica pode contribuir para a autopesquisa do(a) professor(a).

A docência conscienciológica influencia muitos aspectos da vida pessoal. As razões para essa contribuição decorrem do esforço pessoal do(a) docente (estudo, auto coerência), da imersão no laboratório docente (autoexposição, interação e observação dos alunos) e de aspectos bioenergéticos e multidimensionais (pré-aula, amparo extrafísico de função, parapsiquismo). O melhor aproveitamento deste laboratório pressupõe uma autoavaliação ao final de cada aula, com especial foco de observação nos aspectos da autopesquisa do(a) professor(a) (ROYER, 2017, FREDERICO, 2015).

A título de exemplo, o artigo traz ao final de cada seção questões para o(a) docente aproveitar o laboratório docente enquanto ferramenta de autopesquisa. Obviamente as questões podem ser aprofundadas ou ajustadas conforme o foco pesquisístico pessoal, mas servem para dar uma referência inicial de pesquisa. Uma sugestão é organizar essas questões (e outras que o docente julgar importantes) em uma planilha a ser respondida após cada aula ministrada.

Os ramos de autopesquisa que também podem se beneficiar da docência conscienciológica incluem a autopesquisa parapsíquica (sinalética), conscienciométrica (trafores, trafares e trafais), seriexológica (grupos com os quais tem conexão mais forte) e proexológica (público alvo assistencial).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Hegrissou Carreira (H.C.A.). **Autorreflexão na Docência Conscienciológica**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciológica**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciológica.org>>. 30 de dezembro de 2012.
- AMADORI, Rosane (R.A.P.). **Amparador Extrafísico de Função**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciológica**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciológica.org>>. 1 de novembro de 2014.
- FREDERICO, Lucimara Ribas. Instrumento de Avaliação Formativa Auxiliando nas Reciclagens Intraconscienciais. **Revista de Parapedagogia**; N. 5. Foz do Iguaçu, PR, 2015, p. 23-33.
- FRESIANSD, Izilda. Considerações sobre a Prática da Docência Conscienciológica. **Conscientia**; Vol. 19, N. 3. Foz do Iguaçu, PR, Julho-Setembro, 2015, p. 324-330.
- ICGE. **Verbetes Defendidos**. Disponível em: https://www.icge.org.br/?page_id=1604. Acesso em 19 de abril de 2020(a).
- ICGE. **Planilhas de Autopesquisa**. Disponível em: https://www.icge.org.br/?page_id=1385. Acesso em 19 de abril de 2020(b).
- KLEIN, William. Aspectos da Pré-aula de Conscienciológica. **Conscientia**; Vol. 14, N. 4. Foz do Iguaçu, PR, Outubro-Dezembro, 2010, p. 480-487.

- ROYER, Júlio César. Conteúdo Parapedagógico e Transposição Didática em Aulas de Conscienciologia. **Revista de Parapedagogia**; N. 5. Foz do Iguaçu, PR, 2015, p. 3-10.
- ROYER, Júlio César. Docenciograma: Proposta de Instrumento de Auto e Heteravaliação Docente. **Revista de Parapedagogia**; N. 7. Foz do Iguaçu, PR, 2017, p. 3-10.
- VIEIRA, Waldo. **200 Teáticas da Conscienciologia**. Rio de Janeiro, Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC), 1997.

Júlio César Royer, bacharel e mestre em ciência da computação, doutor em métodos numéricos em engenharia, professor universitário, voluntário da Conscienciologia desde 1994, e da Reaprendentia desde 2007, docente de Conscienciologia desde 1997, tenepessista desde 1998, epicon desde 2019. E-mail julio.royer@reaprendentia.org